

Ei-los que partem

Júlia Nery

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



A poucas horas de tomar um avião que o deixaria na Alemanha, longe de casa, a prazo incerto, Valter quis fotografar a sua rua, da janela do quarto, fixar assim aquela imagem de Lisboa, observada anos a fio. Das casas atarracadas e coloridas só duas tinham escapado a ser substituídas pela monotonia da arquitetura europeia dos blocos de apartamentos e já não se viam mulheres à janela, dependuradas no paleio.

Enquanto fazia a barba, Valter cantarolava para o espelho palavras de um qualquer refrão adequado ao momento, naquele dia, a saltar-lhe da memória aos lábios. O guinar do 28 sobre os carris chiava-lhe nos nervos, o barulho fedorento dos tubos de escape de carros e motorizadas enervava-o, uma chispa de sol a dardejar no espelho desfocava-lhe o movimento da mão e, para cúmulo do desconforto, até a pesada aceleração de um autocarro o agredia ao provocar um deslizar descomandado da máquina de barbear sobre a sua pele. Fechou a janela à intromissão da cidade. Irritou-o que Ilse fadistasse o refrão, no tom de voz das suas ironias, nasalado e agudo, realçado com pausas: *Ei-los que partem, buscando a sorte noutras paragens*. Tentou trazê-la para a conversa e para os seus braços: «Tu ainda confias nas virtudes deste bocadinho de terra encostado ao mar e a Espanha e não queres acreditar que seja preciso partir», mas Ilse refugiava-se num vaivém de amuos, entre malas de viagem e coisas para emalar, enquanto as palavras de Valter a seguiam a pedir compreensão:

– Os meus sonhos não cabem aqui e vão para além da meta da sorte e da fortuna. Vai ser mais fácil se estiveres comigo.

– Podes conseguir realizá-los cá. Vai é levar mais tempo... Tu tens é pressa. Eu não.

– Se ao menos pudesse explicar-te... Também o imprevisto e saber que terei de lidar com o que não conheço me aguçam a imaginação, estimulam a iniciativa. Não compreendes. Às mulheres isto pouco interessa.

– Machista. Do nosso grupo, foram mulheres, a Marta e a Lília, as primeiras a ir; de certeza, certezinha, à procura disso mesmo. Olha que nunca se disse que alguma delas tenha ido pela ganância.

Habitado a uma Ilse calada e submissa nas opiniões, o tom agressivo da resposta surpreendeu-o menos do que trazer ela as outras para a discussão. Lília, pela voz da namorada, entrava-lhe na alma como um remorso, travava-lhe as palavras na derrapagem de uma confiança e na verbalização do seu orgulho macho, denunciado no que dissera a Nuno de Sá, quando ele o informara da inesperada partida dela para os Estados Unidos. Agora já nem ouvia Ilse, tal era o ruído da memória do diálogo com o amigo:

– A Lília foi-se embora por minha causa.

– Tão próximos os dois desde o secundário, e afinal não a conheces. Nunca te apercebeste da firmeza com que ela luta pelas suas convicções?!

– Não compreendo o sentido da pergunta nem isso das convicções dela terem que ver com a ida para os Estados Unidos.

– Ainda antes de entrar na universidade, já ela tinha grandes teorias de que a Ciência podia resolver os mais graves problemas, como, por exemplo, o que mais a interessava...

– Sim, lembro-me, o da falta de água potável, o ter de haver água para toda a gente...

– Para a Lília, a teoria passou a sonho, o sonho à convicção de poder realizá-lo, disto à necessidade de encontrar as melhores condições para o conseguir.

– Foi então por isso que ela foi para os Estados Unidos? Lília, a padroeira dos impossíveis...

Valter sentira-se um idiota quando se ouviu dizer isto. Não imaginara como a prudente timidez da coleguinha, aquela menina da mamã, andava de par com a ousadia e o desenrascanço de que precisara para mexer os cordelinhos, vencer dificuldades, ter uma bolsa para a Johns Hopkins, uma das instituições acadêmicas de pesquisa mais importantes do mundo, desanimar e zarpar para os States. Esta criatura não tinha nada a ver com a sua amiga de juventude. É certo que depois de ter acontecido *aquilo*, não tinham convivido mais.

O próprio Nuno de Sá, este aspirante a catedrático, com boas perspectivas de futuro em qualquer universidade do mundo, como apregoava o seu paizinho, também se fora embora. Para Londres, logo a seguir a Marta.

Valter admitia que teria continuado por cá, alternando trabalhar a prazo com enviar currículos para empresas nacionais e desanimar com as modestas e raras propostas de emprego, se não tivesse encontrado Paulo, poucos dias antes de ele ter assinado contrato com uma empresa angolana. «Tem de ser. Aqui não há nada de jeito pra ninguém. Mesmo com mulher e filho, vou arriscar.» O exemplo da decisão do amigo de assentar arraiais onde lhe oferecessem melhores condições dera-lhe um empurrão a ele para vencer a inércia do *é uma chatice mudar* e procurar um trabalho digno das suas habilitações, fora do país, mas sempre para qualquer cidade da Europa, de preferência a poucas horas de voo do ninho e de Ilse, e sem exigências de problemáticas adaptações.

Concentrado na urgência de ter tudo preparado para não perder o avião, com partida dali a poucas horas, Valter acabou de fazer a barba e de divagar. Ilse calada, temendo que atrás da voz viesse o choro; quieta, a reter o impulso de prender os braços do amado nos seus braços, e o enlace de pernas para lhe travar o movimento de sair. Ele, de corpo liberto, mas a pressentir-se retido não pela namorada, mas pelo medo de que

Ilse não fosse ter com ele, quando a chamasse. Para fugir à tentação de se esconder na proteção dos braços dela, resguardou-se na ironia de uma trivialidade:

– Talvez eu venha também a ser alguém importante e a levantar monumento na aldeia dos meus avós, como aquele tal Dionísio...

– Constituir uma fundação, como se faz agora...

– Será que quatrocentos anos depois me farão um carro alegórico pelo Carnaval?

Esta conversa vinha tão a despropósito que a dor de Ilse se desconcentrou e riram os dois, ao evocar o carro carnavalesco, desfilando com as suas agitadas ondas de seda e acompanhamento de efeitos sonoros; alegoria da tormentosa viagem de Dionísio de Figueiredo e de todos os andarilhos pelo mundo além, não esquecidos pelo imaginário popular. Partido para a Índia como soldado nos idos de Seiscentos, regressara herói, suficientemente rico para doar à terra a faustosa capela, agora em ruínas, testemunho da sua devoção, dizia o povo; da sua vaidade, segundo Valter. E, aproveitando o corte na emoção das despedidas, ele mudou de conversa:

– Da Marta, tens sabido alguma coisa?

– Telefonou-me do aeroporto de Londres, a combinar um encontro. Talvez já esteja em Lisboa.

Valter e Paulo encontraram-se no aeroporto, antes do embarque, um para Luanda, outro para Estugarda, uma hora depois. Não fora por acaso partirem no mesmo dia, não só porque Paulo fizera por isso, mas também pela demora do visto dele para Angola ter sido tal que dera a Valter o tempo suficiente para organizar a sua ida para a Alemanha, fazendo-a coincidir com a do amigo, como ele lhe pedira; talvez para recordarem as suas aventuras de há anos, também os dois à espera de embarcar, então como companheiros de escalas

para os mesmos destinos europeus, nas suas viagens de rapazes.

Tinham tempo de sobra para uma conversa. Valter deduzia nas falas de Paulo aquilo que ele também sentia, embora de uma forma mais cautelosa.

– Para mim, o conformismo acabou-se. E de me contentar com o menos mau. A partir de amanhã, só com o bom.

– Isso agora... Paulo.

Assim otimista, parecia-lhe o outro bem diferente do que era na época em que se tinham tornado amigos.

Um desfile de mochilas indisciplinadas empurrou-os para trás no tempo:

– Lembras-te de quando nos conhecemos?

– Já no último ano do secundário...

– Sim. Mas não foi na escola. Foi no avião para o Luxemburgo, os dois no mesmo grupo, todos num programa de intercâmbio cultural de jovens europeus.

– Fomos a viagem toda a trocar piadas sobre os objetivos...

– Compreender a diversidade cultural como um meio de enriquecimento pessoal e social...

– Desenvolver as capacidades para comunicar noutras línguas europeias.

Sintonizados os dois na ironia, nenhum deles se admirava da boa memória do outro, lembrando-se muito bem ainda de como ambos se tinham esforçado então, e da melhor maneira, para atingir com sucesso, e através das colegas vindas de todos os cantos da Europa, os mais variados objetivos do programa Comenius.

– Tantas vezes os ouvimos e tivemos de os escrever!

– Lembras-te como ficámos mestres em catrapiscar e levar raparigas na conversa, apesar das *idiossincrasias linguísticas*?

– Isso das *idiossincrasias* era teoria dos professores. A rapaziada aprendeu bem depressa: não há grandes diferenças nas linguagens próprias da relação entre um rapaz e uma rapariga.

– No teu caso, Paulo, conseguiste um entendimento talvez demasiado perfeito. Foi o diabo...

Paulo fugiu à conversa com a desculpa de ir confirmar o atraso previsto para o seu voo e durante o tempo em que esteve afastado de Valter, este foi entretendo a espera a relembrar a aventura do amigo. As coisas tinham-se complicado, pois Paulo era demasiado sensível aos encantos femininos e de tal maneira se apaixonara que não queria regressar a casa, antes arranjar um trabalho no Luxemburgo para ficar a viver com a namoradina de então. Apesar de já ter dezanove anos, este contratempo ao bom andamento do programa envolvera o professor acompanhante e o de acolhimento, acabando por se resolver quando o pai de Paulo o fora buscar. Por tudo isto, Valter não ficara surpreendido, quando encontrara o amigo com mulher e filho, menos de um ano depois de ter desaparecido de circulação, após o começo de aulas na faculdade, onde não conseguira entrar.

O apoio do pai, um médico muito viajado pelas subtilezas do espírito humano, assim como o da discreta insistência da mulher – entretanto ele tinha dado o nó –, que, no dizer do sogro, sabia encarregar a vida de Paulo nos caminhos de melhor sentido, levava aquele pinga-amor a conciliar o trabalho com um curso de Gestão.

Quando Ilse e Madalena tinham começado a dar-se, porque as mulheres são mais expansivas umas com as outras e assim mesmo sem querer se revelam, Ilse, sem nenhuma malícia de inconfidência, contava a Valter algumas das conversas de ambas. Pelo que ouvia, ele começara a observar a esposa de Paulo com outra atenção, pouco a pouco foi reconhecendo nela uma mulher que, numa aparente timidez e doçura das palavras, esconde uma determinação só por instantes denunciada pelo olhar ou por um desobediente apertar de dedos, tão rapidamente controlado, que só uma vez ele lho tinha surpreendido.

Com a chamada para o embarque a aproximar-se, o otimismo inicial de Paulo foi, pouco a pouco, substituído por

algumas confidências desanimadas, e Valter tentava distraí-lo da dúvida de que a mulher acabasse por resolver não ir ter com ele a Luanda. «A ausência da Madalena e do seu abraço já me dói», confessou, quando se afastou para prolongar a presença da voz dela num último telefonema:

– Tu não vieste, Madalena... a minha ponte...

– Vê se percebes. Seria insuportável uma despedida com barulheira de gente apressada e de alto-falantes a despejarem-nos nos ouvidos sílabas em várias línguas. Estamos um com o outro na saudade.

Valter sentia a presença de Ilse, à espera no mais perto do lá fora, até que o avião levantasse voo. Guardava, no desejo de a não perder, a visão dos braços dela, estendidos para os seus, figuração do elo entre os dois. Compreendendo como seria insuportável para Paulo não poder ter essa mesma imagem, ficou com ele, prolongando vulgaridades de conversa, até à última chamada para embarque:

– Tens sabido alguma coisa do Nuno de Sá e da Marta?

– Dele pouco sei. Da Marta, menos ainda... não me admirava nada se a vissemos a correr para o terminal da British Airways.

– Parece que está em Lisboa. É a festa dos anos da mãe, naquela família quase o mesmo que ser Natal.

Quando Marta estava em Portugal, a mãe tecia à sua volta uma teia de compromissos, como jantares de família, encontros com amigas e conhecidas, idas ao teatro, visitas a familiares solitários por força da idade ou de doença. Ela sabia que não seria sensato faltar, mas descobrira uma maneira de se libertar durante dois ou três dias: «Quero ir a Fátima. Sozinha.» A mãe nunca emprestava o carro, *só para Deus Nosso Senhor*, levou-a à camioneta, metendo-lhe na mão o *voucher* para o hotel em que lhe reservara alojamento.

A viagem não seria longa. Vantagens de um país pequeno, como a de poder andar-se daqui para ali em pouco tempo. Marta teria quase duas horas para magiciar uma maneira de

tirar o melhor proveito daquela folga familiar, o que ia ser dificultado por ter poucos euros na carteira. Mas confiava nos acasos e na imaginação para tirar deles o melhor partido.

Um cavalheiro olhava-a insistentemente, de bilhete equilibrado entre o gordo mindinho e o anelar, como que a reivindicar o seu direito ao lugar da janela, o que ela contestou sem o declarar, usando o melhor dos sorrisos e da sua pronúncia londrina, enquanto ia observando aquele indesejado companheiro de viagem: «Pesa mais de cem quilos! O que lhe falta em elegância sobeja-lhe em educação. Menos mal. Roupa de marca, relógio de ouro. Será? Se o puser a falar, faça-lhe o retrato completo. Mas saberá ele inglês? É melhor falar-lhe no português de uma inglesa.» Assim instalar-se-iam ambiguidades na conversa, o que tanto lhe agradava como lhe convinha em situações semelhantes, e do que ela gozaria os ridículos ou os burlescos.

Em poucos minutos, Marta ouvira já a explicação das especificidades botânicas da serra D'Aire, a descrição antecipada do novo santuário de Fátima, das raridades da Biblioteca da Universidade de Coimbra. A meio da enumeração das preciosidades arqueológicas do Museu Machado de Castro, lengalengadas pelo cavalheiro, Marta impacientava-se: «Não há dúvida de que vou bem arrumada no assento, apertada contra a janela, impossibilitada de sair daqui, pelo menos com elegância, se o passageiro do lado não colaborar. Mas porque digo “arrumada”, uma expressão que tanto detesto, por tê-la ouvido demasiadas vezes da boca da minha mãe: “Quem me dera verte arrumada.” Nestes tempos da mobilidade, das incertezas, do amanhã, talvez, já não se espera de ninguém desejar isto a uma filha. Não sei o que teria sido de mim se não tivesse presenciado a armadilha do ficar arrumada, a que sempre associei encostar às boxes, ser apanhada na rede da resignação. Ainda bem que me pirei para Londres antes que a minha mãe me visse arrumadinha, ou seja, estar na vida mais ou menos como

vou agora no autocarro: entalada entre a janela e as banhas de um sujeito.»

Ainda que sentisse nos amigos uma espécie de amuo ressentido, ou talvez por isso mesmo, Marta não se inibia de lhes lembrar ter sido ela a primeira do grupo a sair do país.

Abstraiu-se da voz do vizinho do lado e recolheu-se na visão da beleza bravia da paisagem, pontuada por pedras e pedregulhos, lajes musgosas, árvores cabisbaixas, desalinhasdas entre muretes, numa sucessão demasiado rápida dos verde-escuros das agulhas dos pinheiros, do verde agressivo dos carrascos, do verde-esbranquiçado das oliveiras. Assim a Natureza entra-lhe pelos olhos em sucessivos *flashes* de pujança; depois, à passagem por alguns povoados, da paisagem de casas debotadas ou inacabadas, de terras cobertas de mato seco, ficava-lhe uma imagem de lixos e abandonos.

Estava a chegar a Fátima, não vinha em romagem sagrada, como dissera à mãe, mas sim com o desejo bem pagão de se embrenhar na serra, percorrer trilhos de pastores, espreitar grutas e a escrita do tempo nas pedras, aspirar o cheiro doce e amargo da terra, dar o corpo ao calor do sol, esparramada sobre uma laje e receber o seu halo magnético, purificando-se da poluição londrina. Se a sorte tivesse encomendado para ela um guia bem-falante e musculado, o passeio seria perfeito, compensando-a do incómodo daquela viagem, entalada pelo senhor Ó, nome que lhe viera à imaginação, ao ver a barriga avançada no corredor da camioneta. O acaso negara-lhe o lugar da coxia, com facilidade de fuga garantida. Só o pensar em ter a saída dependente da boa vontade do senhor Ó despertava-lhe a angústia da claustrofobia. Murmurou e sentiu a angústia sibilante da palavra, tal como a sentira no momento em que vira o seu campo de ação limitado pelas convenções, normas, pudores, essa espécie de tijolos usados pela educação familiar para construir um muro defensivo entre ela e o mundo. Antes que ele ficasse acabado e a emparedasse, ela dera o salto, não tendo regressado a casa depois de umas férias nos States.

Convencida pela sua meia mentira quanto à decisão de estudar canto, a mãe parecera resignar-se muito mais facilmente com a sua partida do que vê-la com mechas azuis pintadas no cabelo, e satisfez-lhe logo o pedido da verba para a inscrição na Musical Theatre Academy, mas acompanhada do venozinho de lhe lembrar obrigações, neste caso agravadas, por serem consigo mesma: «Até que enfim aceitas o teu dom. Espero que não mudes de ideias.»

Irritou-a o remoque e muito mais dar este gostinho à mãe. Ainda a filha era pequenina, começara a exibi-la, incitando-a a cantar no coro da paróquia, em festas familiares, até num concurso. Marta sentia-se castigada com o dom da voz. Talvez por isso se arrependera da ideia do curso e teve vontade de desistir dele, mas não pudera fazê-lo até ter aprendido a sobreviver sem depender da mesada nem do rendimento do seu dom, pondo o coração ao largo sem nunca se interrogar: «Até quando isto me basta?», o que virá a fazer mais cedo do que pensava.

Seriam os exemplos dos amigos a levá-la a questionar, e de que maneira, o seu modelo de vida? Lília, a primeira a sair do país pouco depois dela, dizia que só construímos alguma coisa com os exemplos dos outros se em nós houver molde semelhante.

O que haveria afinal de verdadeiramente comum entre os Desenrascas? Terem todos deixado o país? Nuno de Sá, menos de um ano depois, viera para Londres. Paulo ia trabalhar para Angola, Valter na Alemanha. Madalena e Ilse segui-los-iam. Antigos colegas, amigos dos amigos, conhecidos, partiam também. Para ela e a malta da sua idade, este movimento de mudança, em muitos casos sem ter de se parar e ser fiscalizado nas fronteiras, era natural; a geração instalada de pais e avós gritava que o país estava a sangrar-se em vida numa nova corrente de emigração. Um ou outro mais atento diria que era expectável, pois que desde os primeiros anos do secundário tinham vendido à nova geração a ideia de que iam ser cidadãos

européus, circulando livremente e com as mesmas hipóteses de trabalhar e viver em qualquer um dos países da União Europeia. Mentalizaram-se para isso, prepararam-se, participaram em programas de interação cultural, adotaram novas posturas e ideias, acabando por não se sentir estranhos em qualquer terra europeia onde escolhessem viver. Fizeram planos, sonhando estabelecer-se num país que, por uma ou por outra razão, lhes despertava o interesse e a curiosidade.

«E agora chamam-nos emigrantes? Estamos a pôr em prática as promessas da política europeísta dos governantes. Se fomos enganados, isso já é outra conversa», indignou-se Marta, quando se discutia sobre isto num *pub*, onde ingleses não passavam de um ou dois. Para ela não havia nenhuma dúvida: «Europeus em qualquer país da Europa estão em circulação. Emigração é coisa de africanos e brasileiros em Portugal, de mexicanos nos Estados Unidos.»

Este conceito de estar em circulação correspondia à sua situação e aos seus projetos de futuro. Nunca, em nenhuma circunstância, ela se considerara emigrante. Tinha a certeza de que Lília e o senhor professor Nuno de Sá muito menos. Nem Valter, a instalar-se na Alemanha. Paulo, em Luanda, era um caso especial; tinha nascido em Angola. Voltava às origens.